RAZÃO ÁRCADE E SENTIMENTO ROMÂNTICO NA POESIA DE BOCAGE

Euler Soares Franco

Resumo
Com uma visão de mundo e um temperamento românticos, e, ao mesmo tempo, clássico pelo cuidado com a forma, Bocage explorou a própria individualidade, numa resistência e insatisfação com a universalidade e a não autenticidade neoclássicas. No presente trabalho, analisamos em alguns sonetos esse conflito entre atitudes clássica e romântica na poesia de Bocage.

Palavras-Chave: Poesia; conflito; razão; individualidade.

Abstract
With a romantic world vision and temperament, and classic by his formal care, Bocage explored the sentiment of his own individuality, in a resistence and discontent with the classical universality and non authenticity. In the present work, we showed the conflit between the classic and romantic characteristics in the Bocage's poetry using sonnets.

Key Words: Poetry; conflict; reason; individuality.

A partir da segunda metade do século XVIII, durante o Arcadismo, a atenção literária desvia-se da prosa clássica para a poesia, num regresso entusiástico aos moldes greco-latinos e ao quinhentismo nacional. Entretanto, a propalada fidelidade aos moldes clássicos consagrados se, por um lado, deu aos poetas uma grande autoridade quanto à poética e ao uso da linguagem clássica, por outro, levou-os a um excessivo respeito ao princípio de imitação, suprimindo a originalidade, criadora. Poucos poetas se libertaram do classicismo ortodoxo e dogmático que tomou conta de Portugal; dentre estes o que mais se destacou foi Bocage.

Manuel Maria Barbosa de Bocage, o maior poeta português do século XVIII, dominou as regras da poesia arcádica, mas, aplicando seu gênio, dela se afastou quando quis. Irreverente. Este,

talvez, seja o adjetivo que melhor defina a vida de Bocage. Com uma visão de mundo e um temperamento romântico, árcade pela forma, explorou teoricamente o sentimento da própria individualidade e o horror ao aniquilamento pela morte. Seus versos cantam o amor carnal, abominam o torturante ciúme, exaltam e idealizam a amada. Suas idéias revelam um ser atormentado pelo desejo da perfeição espiritual. Foi pré-romântico também no gosto mórbido, no uso de palavras altissonantes, de interjeições, reticências e apóstrofes; em algumas passagens sua linguagem já se aproxima do coloquial.

Notabilizou-se como repentista, poeta satírico, erótico e pornográfico de verbete brilhante e cultivou o soneto à maneira camoniana. Mas também foi autor de versos de celebrada harmonia, além de árcade pelo aparato mitológico, pelo emprego de alegorias abstratas (o Fado; a Desventura), e ainda escreveu idílios, epístolas, odes, canções, cançonetas e cantatas.

Segundo considerações críticas de Leodegário de Azevedo Filho[1], a obra literária de Bocage não se deve nem se pode, de forma rígida, incluir no chamado Arcadismo ou Neoclassicismo, embora possam ser observadas normas e posturas daquela época. Em suas obras, observa-se o racionalismo cartesiano, mas, por outro lado, os temas românticos são inseridos nos seus poemas, ora com muita sutileza, ora com muita evidência, razão pela qual seus versos se antecipam ao Romantismo e ele é a ponte de ligação entre as duas épocas irreconciliáveis.

Entre a contenção e a confissão: leitura de alguns sonetos

Na poesia de Bocage, portanto, coexistem, conflituosamente, duas faces, a árcade e a romântica. A primeira é a da dissimulação arcádica, marcada pelo influxo maior das regras e convenções trazidas pelo neoclassicismo, sintetizadas no cultivo do Fingimento e da Dependência. A segunda face é marcada pela poesia da confissão e da emoção, em que aparecem notas mais agudas e temas mais carregados de dramaticidade. Ao sentimento de desamparo por falta de afetos seguros e de certezas religiosas

[1] AZEVEDO FILHO, L. *Literatura portuguesa:* história e emergência do novo. p.74.

para substituir o Fingimento da juventude, soma-se a grande tragédia da solidão inexorável em face da natureza e do mundo. Convém não esquecer que em muitos poemas essas fases dialogam numa tensão profundamente original para os padrões estéticos e históricos da época; daí que a separação em "fases" serviu-nos apenas como recurso didático para que mais claramente pudéssemos identificar traços de uma e de outra tendências estéticas e a solução particular que Bocage deu a suas questões pessoais e artísticas. Passemos à leitura dos poemas.

Olha, Marilia, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha não sentes
Os Zéfiros brincar por entre as flores?

Vê como ali beijando-se os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocente,
As vagas borboletas de mil cores.

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folgas a abelhinha para,
Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas há! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Neste soneto, Bocage apresenta a integração do homem com a natureza, que, por sua vez, é personificada e paradisíaca. A natureza ganha vida quando comparada a Marília. Antonio Candido reflete com agudeza sobre essa questão da poesia pastoral e bucólica no Arcadismo. Segundo o crítico paulista, "no Arcadismo, além das diferentes formas assumidas pelo mito da idade de ouro, e conseqüente exaltação da vida campestre, esta disposição de espírito se manifesta na diminuição da escala do sentimento amoroso, tratado com maior humildade ou, quando não, simplicidade mais acentuada. A poesia bucólica se caracteriza por uma

delegação poética, a saber, a transferência da iniciativa lírica a um pastor fictício."[2]

A despeito de poemas em que a figura do pastor se apresenta, a voz lírica que fala nos poemas de Bocage caracteriza-se por ser uma manifestação de uma individualidade, no mais das vezes em conflito. Neste poema, por exemplo, já se observa prenúncios de uma subjetividade romântica que projeta a alegria, o prazer, a serenidade da presença da amada na natureza. O eu lírico bocageano não se vale da "abstração do comportamento", tipicamente árcade, este que, nas palavras de Antonio Candido, "não ama, nem mesmo anda com sua própria personalidade (...)."[3] Os dois últimos versos do poema introduzem com mais clareza essa tensão humanizadora que já aqui é esboçada entre a postura árcade e a sensibilidade romântica. A adversativa "mas" e a presença dramática da morte, no último terceto, suspendem rítmica e semanticamente a harmonia e o equilíbrio que permeiam o poema, conferindo-lhe uma pulsação vital e intrinsecamente humana, diferentemente do artificialismo ou convencionalismo árcades. Ainda na concepção do crítico, "conseqüências da imitação e das regras são, no fundo, a perda da capacidade de observar diretamente a vida e uma visão algo superficial tanto da natureza exterior quanto humana."[4] Bocage contempla a si mesmo e problematiza a vida que pulsa em sua interioridade, renegando a superficialidade neoclássica.

O poeta português, como vimos, não se subordina às imposições neoclássicas de sua época. Sua intensa vida interior leva-o, nas palavras de Leodegário A. de Azevedo Filho, à desconstrução das normas árcades, como se vê no poema abaixo:

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores:
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade, e não louvores.

Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;

[2] Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. p.58.
[3] Idem.
[4] Idem, p.51.

Notai dos males seus a imensidade,
A curta duração de seus favores.

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja aparência
Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência
Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependência.

O poeta, servindo-se da sinceridade, de sua verdade interior, apresenta para o leitor (ou para si mesmo!?), sem constrangimento, o "segredo" de seus poemas, "que foram com violência escritos pela mão do Fingimento,/ Cantados pela voz da Dependência." O poeta assume uma postura racional e analítica, característica claramente neoclássica, embora a atitude ostensiva de auto-desnudamento seja já prenúncio romântico, o que nos leva a acreditar que a consciência do artificialismo na criação poética, princípios próprios da estética árcade, seja uma maneira de admitir que ele necessitava transcender à influência árcade.

A despeito da ordenação e simetria do soneto, o poeta já faz menção a sentimentos pungentes que minam a rigidez e artificialismo clássicos: "mágoa", "piedade", "suspiros", "lágrimas", "amores", "louvores", "males", "sentimento", "violência". Carlos Felipe Moisés, a respeito desse poema, tece os seguintes comentários:

> O fingimento dura só até vir à tona o *poeta* verdadeiro, escondido debaixo do artífice aplicado, o "cinzelador da métrica", tão enaltecido por Bilac. Penso, claro está, na acepção moderna, baudelairiana, do poeta como indivíduo rebelde às convenções, cioso de sua personalidade, única e intransferível, e que se esforça no sentido de que poesia e vida coincidam, extraído desta a matéria que enformara àquela. A partir daí, ganha corpo o ingente e angustiado apelo de uma consciência que anseia por livrar-se dos estereótipos do Arcadismo, símbolo da opressão circundante, e acaba sendo bem sucedido. Mas, com isso, "livra-se" também da segurança e estabilidade, da ordem e da harmonia; perde, enfim, por torná-lo ou

reconhecê-lo caduco, o confortável modelo epistemológico absolutista, e não dispõe de outro para substituí-lo.[5]

Vejamos "O ledo passarinho que gorjeia":

O ledo passarinho que gorjeia
Da alma exprimindo a cândida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia:

O sol, que o céu diáfano passeia,
A lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da aurora alegre e pura.
A rosa, que entre os zéfiros ondeia;

A serena, amorosa primavera,
O doce autor das glórias que consigo,
A deusa das paixões, e de Citera:

Quando digo, meu bem, quando não digo,
Tudo em tua presença degenera,
Nada se pode comparar contigo.

O poema é descritivo-enumerativo, com predomínio de frase nominais, sugerindo uma postura de contemplação de um quadro estável e sereno. A significativa presença de adjetivos muito contribuem para a ambientação simples e serena da poesia clássica. Na primeira estrofe o autor mostra simplicidade e ternura de um cenário natural, sugeridas, por exemplo, pelos diminutivos. Tem-se o perfeito equilíbrio entre os elementos da natureza e o estado de espírito do eu lírico, que recorre à mitologia, universalizando sua experiência harmoniosa e encantadora. Considerando a poesia de Bocage, Leodegário de Azevedo ainda afirma:

> Não admira assim que Bocage visse em Camões o seu modelo: "modelo meu és tu..." (...) Assim, nas veias simétricas das formas neoclássicas injetaria o sangue borbulhante da dúvida e da sua emotividade. Queremos dizer: a personalidade romântica que o define, vivia em luta

[5] MOISÉS, C. F. p. 77.

> com a personalidade clássica, que nele se formou pela cultura."[6]

No soneto acima referido, os dois quartetos são marcados por elementos naturais que se assemelham pela sugestão de harmonia e tranqüilidade. Além disso, esses mesmos elementos , já refletindo o estado interior do sujeito, são dotados de traços humanos("o ledo passarinho", "rio.... que murmura", "sol... que passeia", "sorriso da aurora alegre e pura"). Na verdade, esta "humanização" da natureza esta subordinada à "presença" da amada, que, idealizada, parece mesmo ser o arquétipo de perfeição, equilíbrio e beleza, estando acima da Natureza, dos Deuses e da própria vontade do poeta ("quando digo, meu bem, quando não digo").

Se no poema anterior vimos ainda a presença de uma natureza divina e encantadora, sugestiva da lucidez e transparência (no transparente, sol, céu diáfano, aurora alegre e pura), agora, neste soneto, tem-se a idéia fixa pela morte e a fruição do mundo tenebroso, numa ambientação noturna, sombria e de recusa à claridade:

Ó retrato da morte, ó noite amiga.
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha do meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti somente os diga,
Dá-lhes pelo agasalho do teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delira obriga:

E vós, ó cortesãs da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores

[6] AZEVEDO FILHO, L. OP. cit., p. 74-5.

Neste poema não há hesitação árcade; o poeta não se constrange em expressar seus sentimentos e suas emoções. Mas o faz com pungência e dramaticidade. Além disso, a idéia fixa pela morte é expressa com sentimentos mais efusivos ("suspiro", "pranto", "desgosto", "clamores", "horrores" – que se opõem ao vocabulário usado nos poemas de tendência árcade). Bocage transcende bastante sua época: não é difícil perceber neste poema traços e posturas da poesia do mal-do-século, decadentista e mórbida que, em Portugal, será representada, por exemplo, por Soares de Passos.

O poema é inaugurado com evocação à morte, realidade que se aproxima pela distribuição dessas expressões no verso e pela sugestão de escuridão, de trevas; além disso, ambas indefinidamente, são referidas por "amigas", "secretária antiga', "cortesãs", apontando para o grau de intimidade com o universo mórbido. A obsessão pela morte parece estar associada aos conflitos vivenciados pelo poeta em relação ao seu momento pessoal e estético. Aqui já se observa um desprendimento quase absoluto do Arcadismo, numa adesão (por antecipação!) à postura romântica, de resistência e negação do engessamento clássico, em função de uma experiência vital e orgânica, ou da fixação pela morte, como pode se ver no soneto abaixo.

Aqui, onde, arquejando, estou curvado
À lei, pesada lei, que me agrilhoa,
De lúgubres idéias se povoa
Meu triste pensamento.

Aqui não brama o Novo anuviado
O Zéfiro macio aqui não voa,
Nem zune inseto alígeno, nem soa
Ave de canto, alegre ou agoirado.

Um grande escritor transcende a sua época, ultrapassa as fronteiras que delimitam seu momento histórico e estético, mesmo, e talvez por isso, estando profundamente imerso nele. Esta parece ser a condição do poeta português Bocage, que figura, em seus poemas, sua inquietação interior e artística. A poesia do autor de *Rimas* revela a tensão de um sujeito que consegue através das palpitações de sua intensa sensibilidade minar a forma petrificada

clássica. A disciplina e moderação clássicas não conseguiram agrilhoar a intensa efervescência interior de uma voz que precisou manifestar sua individualidade. Vale retomar a lucidez crítica de Carlos Felipe Moisés, a respeito de nosso poeta: "nenhum outro poeta, adepto dessa mesma estética, chegou a ser, como ele, tão visceralmente contemporâneo de seu tempo. É que o Arcadismo, no fim de contas, com sua ambição de atemporalidade, conseguiu ser só contemporâneo de si próprio. Ou de tempo nenhum. *Inutilia truncat.*"[7]

REFERÊNCIAS

BOCAGE. *Poemas escolhidos*. Álvaro Cardoso Gomes (Org.) 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
CANDIDO, Antonio. "Razão, Natureza, Verdade" In: *Formação da Literatura Brasileira*. 7ed.
Belo Horizonte, Itatiaia, 1993.
MOISES, Massaud. *Literatura Portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1986.

[7] MOISÉS, Carlos Felipe. Op. cit. P. 81.

ROSENFELDT, Anatol. "Classicismo e romantismo". In: GUINSBURG, (Org). *Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
MOISES, Carlos Felipe. *O desconcerto mundo renascimento ao surrealismo*. São Paulo: Estruturas, 2001.
AZEVEDO Filho, Leodegário de.*Literatura Portuguesa: historia e emergência do novo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.